

O CASACO VERMELHO

Melody Carlson

Era um dia frio e ventava muito. O outono chegava ao fim, tendo o inverno em seu encalço. Ela foi buscar Abby na escola, e ambas pegaram o ônibus rumo ao centro da cidade. Abby usava um casaco que pertencera à sua prima, Linda Sue. Estava em boas condições de uso, com a gola de pele de coelho um pouco surrada. As duas saltaram do ônibus, e ela segurou a mão de Abby, para chegarem ao outro lado da rua. O vento revolveu uma folha de jornal e atravessou seu ralo casaco marrom - o mesmo casaco que ela comprara pouco antes da guerra. A moda havia mudado, desde então, e as barras subiam e desciam, como se fossem um elevador. Agora, pouco havia sobrado do casaco para ser alterado de acordo com a moda, e sua saia aparecia por baixo dele, como se fosse franzida.

John voltou para casa em setembro, e o único emprego que conseguiu foi o de vigia no hospital. Ele esperava começar a estudar à noite, em janeiro; o estudo parecia ser a porta de entrada para um emprego melhor. Ultimamente, ele havia poupado algum dinheiro e, naquela manhã, lhe entregou 12 dólares, dizendo:

- Vá até a loja Harricks e compre um bom casaco de inverno para você.

Ela aceitou o dinheiro, imaginando que seria muito difícil encontrar um casaco por 12 dólares. Sabia que as intenções dele eram boas, mas teria sido bem melhor se o dinheiro ficasse guardado debaixo do colchão, para acudi-los em tempos de necessidade. O Senhor sabia que eles teriam muitos desses dias pela frente.

Ela e Abby entraram na Harricks e, de repente, ela se lembrou de que costumava fazer compras ali com sua mãe, quando o dinheiro era farto, antes de casar-se com John, contra a vontade da família. Agora, a loja parecia um local estranho, e ela se sentia uma intrusa.

- Posso ajudá-la? - perguntou uma mulher de formas arredondadas, que esticava um par de luvas sobre o balcão.

- Não, obrigada. Eu só queria dar uma olhada.

De nada adiantaria contar que estava à procura de um casaco, tendo apenas 12 dólares na bolsa. A mulher poderia achar graça.

Ela atravessou a loja, fingindo olhar muitas coisas bonitas. Abby apontou para um vestido de baile azul-pavão e disse:

- Aquele vestido ficaria lindo em você, mamãe.

Ela acariciou os cabelos lisos e castanhos da filha, da mesma cor que os seus, e sorriu. Finalmente, chegaram aos fundos da loja, e ela deu meia-volta, pronta para desistir, sentindo um alívio misturado com desapontamento. Em um dos cantos, porém, havia um cavalete com vários artigos pendurados e uma tabuleta onde se lia: Liquidação.

Ela olhou para o cavalete, e uma peça vermelha lhe chamou a atenção.

Era um casaco de lã em um lindo tom vermelho, ou melhor, vermelho-escuro. Ela retirou o cabide do cavalete e procurou o preço na etiqueta. Apesar de ser artigo de liquidação, deveria custar muito caro.

- Mamãe, a etiqueta diz que ele custa 12 dólares! - disse Abby, com alegria, segurando a manga onde havia uma etiqueta amarela. Você pode comprar este casaco, mamãe. Veja só o preço!

- Ora, acho que ele está com a etiqueta errada. É muito bonito.

Deve ter havido algum engano.

- Experimente, mamãe. Veja se serve - disse Abby, puxando a manga do velho casaco dela.

- Acho que o manequim não é o meu.

Em seguida, ela tirou o casaco velho e vestiu o vermelho. Não sabia explicar por que razão, mas o casaco tinha a textura de mel. Era maravilhoso.

- Serviu, mamãe. E é lindo. Você parece uma princesa.

Abby puxou-a em direção ao espelho. Parecia um artigo fino, provavelmente fino demais. E talvez aquele tom vermelho, apesar de ser lindo, fosse muito berrante para uma mulher de quase 30 anos.

Ela pendurou o casaco de volta no cabide e afastou-se um pouco, para examiná-lo novamente. Era um modelo bonito, com casas bem-acabadas e botões grandes de madrepérola. A textura de mel era resultado do forro macio e resistente de cetim.

- Você vai comprar o casaco, mamãe?

- Ah, não sei, Abby. Acho que deve haver algum engano. Este casaco é muito bem-feito. O preço marcado na etiqueta deve estar errado. Casacos como este não ficam pendurados no setor de liquidação, principalmente no mês de novembro.

- A etiqueta diz que ele custa 12 dólares e deve estar certa. - Abby cruzou os braços e bateu os pés no chão com impaciência. - Papai disse que você deveria comprar um casaco. É melhor você comprar este aqui.

Ela sorriu para Abby, colocou o casaco no braço e dirigiu-se ao balcão, onde uma senhora idosa estava sendo atendida. A vendedora colocou cuidadosamente dentro de uma caixa um chapéu de feltro marrom com uma longa pena preta e registrou o preço na máquina. A gaveta abriu-se automaticamente.

- São 32 dólares - disse a vendedora.

A senhora preencheu o cheque em um piscar de olhos. Pegou a caixa e despediu-se da vendedora.

- Posso ajudá-la? - perguntou a vendedora gentilmente, com as mãos estendidas na expectativa de pegar o casaco.

- Não, eu... eu acho que vou dar mais uma olhada.

Ela se afastou e examinou mais uma vez o casaco. O preço na etiqueta devia estar errado. Se um chapéu sem graça valia 32 dólares, como o casaco poderia custar só 12?

- O que você está fazendo, mamãe? - queixou-se Abby, acompanhando-a de volta ao setor de liquidações.

- Querida, eu sei que houve um engano. Não se pode comprar um casaco como este por 12 dólares. Não há razão nem para perguntar.

Nós ficaríamos com cara de bobas.

- Mas a etiqueta diz...

- Silêncio, querida, não faça uma cena aqui.

Ela olhou ao redor. Agora, havia várias compradoras por perto. Ela reconheceu Lily Andrews, uma senhora da igreja. Estava morando havia pouco tempo na cidade, e seu marido era médico. A Sra. Andrews sorriu para elas e caminhou em direção ao cavalete. Parecia estranho que uma pessoa tão abastada demonstrasse interesse por artigos em liquidação. A Sra. Andrews parou perto do casaco vermelho e tirou-o do cavalete.

- Posso ajudá-la? - perguntou a vendedora.

- Que casaco lindo! E custa só 12 dólares?

- Exatamente. É do ano passado. Alguém o devolveu em julho, acredite se quiser. Uma mulher o guardou durante o inverno inteiro e nunca o usou. Nem chegou a tirar a etiqueta. O proprietário da loja quis ficar livre deste casaco porque ele saiu de moda. O preço é uma pechincha...

Ela não quis ouvir mais nada. Pegou Abby pela mão e a conduziu para fora.

- Mas mamãe, aquele casaco é seu...

- Silêncio, querida...

As lágrimas fizeram seus olhos arder por causa do vento frio que soprava lá fora. Ainda era cedo para que o ônibus retornasse, mas elas o aguardaram sentadas no banco do ponto do ônibus, encostando-se uma na outra para se aquecerem.

- Por que você não comprou o casaco, mamãe? - A voz de Abby era triste.

- Eu não sei, querida...

Como dizer à filha que ela havia sido uma tola? Além de tola, orgulhosa demais para perguntar. Como explicar a John que sua filha de oito anos tinha mais percepção do que ela própria? Ela tremia de frio. Merecia passar outro inverno com aquele casaco velho e surrado. Serviria de lição para ela!

- Com licença - disse alguém.

Ela ergueu a cabeça e viu Lily Andrews. - Pois não.

- Sei que isto vai parecer muito estranho. E, creia-me, não costumo fazer coisas como esta. Mas senti um forte impulso de dar isto a você.

Não tenho ideia do motivo... - disse ela entregando-lhe uma sacola.

- Eu não estou entendendo...

- Nem eu. Mas foi como se Deus me tivesse pedido para fazer isto.

Sei que é muito estranho, e você vai pensar que sou louca... - É estranho mesmo. - Ela olhou dentro da sacola. - Eu quase comprei este casaco alguns minutos atrás. Por favor, quero pagar por ele. - Ela pegou a bolsa para abri-la.

- Não, por favor. Senti a necessidade de dar este casaco a você.

Não quero que me pague. Sinto muito. Devo estar parecendo uma louca...

O rosto da Sra. Andrews estava vermelho e havia lágrimas em seus olhos.

- Mas eu não posso ficar com ele. Parece um ato de caridade.

- Não, não é um ato de caridade. Dê o dinheiro a alguém que esteja necessitando, se você quiser. Só sei que devo dar este casaco a você.

Sinto muito se estou parecendo maluca. Talvez eu me sinta muito sozinha, mas é a primeira vez que ouvi Deus me dizer para eu fazer alguma coisa. Você precisa aceitar. Pense no casaco como se fosse um presente de Deus. Como a fé.

Esta história aconteceu quatro décadas atrás. Ela usou o casaco durante muitos invernos. Ele ficou tão fora de moda que até Abby pediu que ela o deixasse de lado. Mas ela nunca quis desfazer-se dele. Ficou guardado em um baú durante muitos anos, e ela só se lembrou dele na semana anterior, quando o Dr. Andrews morreu. Ela queria fazer alguma coisa especial por sua amiga Lily. Agora, estava, cuidadosamente, cortando retalhos para fazer uma manta para sua boa amiga colocar em cima das pernas. Esperava que a manta a aquecesse e servisse para lembrá-la de que a fé pode ser encontrada nas pequenas coisas, como, por exemplo, casacos de lã vermelhos e amizades que atravessam anos.

As cores dos quadrados e triângulos da manta estão amontoadas sobre o seu colo, como se fossem joias. Retalhos amarelos da cor de ouro, verdes e vermelhos. Ela passa a mão sobre uma pilha de retalhos de lã vermelho-escuros e sorri. Esta é exatamente a cor da fé.